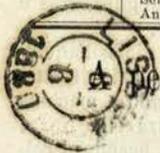


## FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO—1 DE JUNHO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 5	
	Trimestre.....	350 réis	Trimestre.....		600 réis
	Semestre.....	700 "	Semestre.....		1200 "
	Anno.....	1400 "	Anno.....		2400 "
		ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128			



### Pequena bomba de mão

Por mais do que uma vez se tem occupado o nosso periodico d'esta pequena machina, já noticiando os valiosos serviços que aqui tem prestado em alguns incendios, assim como no estrangeiro, já apresentando-a em gravura no acto de debellar um incendio em um armazem de trigo. E por muito que possamos dizer d'este pequeno aparelho, nunca será bastante, porque as suas vantagens são innumeradas e os beneficios que proporciona, de tal natureza, que a descripção seria interminavel se nos propuzessemos a innumerar-os todos.

A nossa vinheta d'hoje representa a pequena machina completa, com a respectiva caixa que serve ao mesmo tempo de caldeira.

A venda avultadissima que a casa Merrywether & Sons faz annualmente d'estas machinas, bastaria para demonstrar o grande conceito em que ella é tida em Inglaterra, porque além das companhias de incendios, poucos são os estabelecimentos commerciaes, hotéis, hospitaes, collegios e até casas particulares que não possuam mais do que uma d'estas machinas.

Entre nós, infelizmente, confia-se demasiado na Providencia e nas Companhias seguradoras e não se procura prover de remedio ou resguardar dos perigos do incendio, e não obstante, muitos exemplos nos vão dia a dia demonstrando o quanto é indispensavel estarmos preparados para debellar o mal quando em começo, o que na generalidade é facil, e prejudicial se o deixar-

mos tomar incremento, porque não é só o prejuizo material que acarreta, mas os transtornos e contratempos que são quasi sempre consequencias necessarias d'aquelle.

Este aparelho simples em construcção e além d'isso ao alcance de todas as intelligencias e das pessoas inexperientes, é tambem modico no preço, qualidade que o torna ainda mais recommendavel.

O corpo da bomba compõe-se de dois tubos de cobre, sendo o tubo interior o que serve de cylindro e está ligado ao exterior por uma capsula com rosca, a qual atarracha em outra capsula que serve ao mesmo tempo de guia á haste do pistão. Na parte inferior do tubo interior está a valvula de emissão e ha uma abertura semi-circular para receber o cylindro; e na parte correspondente do tubo exterior está aparafuzada uma pequena caixa cuja circumferencia é perfurada como um raro para dar passagem á agua que entra no cylindro depois de passar pela valvula de aspiração, a qual é circular e occupa toda a base do tubo interior.

O tubo exterior tem duas vantagens, porque além de produzir o effeito de uma camara d'ar ou recipiente, e por essa fórma contribuir para que o jacto da agua seja continuo, serve igualmente de

resguardo ao tubo interior que não poderá ser molestado com qualquer golpe ou pancada que a bomba soffra.

Esta bomba pôde ser facilmente manobrada por um só homem durante muito tempo, calculando cem *vaeves* por minuto, o que corresponde a consumir durante esse tempo quatro gallões d'agua ou 240 por hora.



Aqui no Porto existe apenas uma d'estas bombas, propriedade da corporação de bombeiros voluntarios. Ninguem, portanto, aqui, melhor poderá demonstrar a sua utilidade e as vantagens que lhes tem proporcionado para os pequenos incendios e com especialidade para os de chaminés.

## A companhia de incendios de Villa Nova de Gaya

Ha muito que não tinhamos occasião de presenciar os trabalhos d'esta companhia porém, o incendio da fabrica de louça das Devezas foi mais que sufficiente para nos evidenciar a urgente e impreterivel necessidade de uma reforma completa, tanto no que diz respeito á organização da companhia, que é má, como ao material, que é muito peor ainda.

Sabemos que se tracta de novos uniformes, e quanto sejamos os primeiros a reconhecer essa imperiosa necessidade, parece-nos que mais avisadamente andaria a Camara de Gaya, se, primeiro que tudo, procurasse dar nova organização á companhia, formulando um regulamento que especifique os deveres e direitos de cada um, desde o chefe até á praça menos graduada.

Com respeito ao pessoal nada temos a dizer, porque lhe reconhecemos a competencia para poder desempenhar com proveito e segurança a profissão de bombeiro. São quasi todos marinheiros, homens acostumados a trabalhos rudes e pesados, habituados a affrontar perigos, acostumados á chuva, ao vento, ao

frio, ao calor, todos robustos e animados do mesmo santo fervor—a dedicação e o amor pelo proximo.

Não obstante, porém, todas estas qualidades e virtudes, a companhia de incendios de Gaya não está á altura a que tinha direito, e não pôde corresponder efficientemente ao fim a que se destina, porque não existe uma lei que regularize os seus trabalhos, porque não tem uma organização correcta que defina a posição de cada um.

Esta necessidade é urgentissima e inadiavel—reclama-a a importancia da villa, que encerra nos seus vastos armazens, valiosissimas fortunas; exige-a o confronto com as companhias do Porto que alli vão desinteressadamente prestar os seus serviços a uma municipalidade que as não recompensa, e mais ainda, salvaguardar os interesses das companhias seguradoras, que no seu egoismo inqualificavel, nem sequer tem palavras de agradecimento para os pobres bombeiros que prejudicam a saúde e sacrificam os seus interesses em prol da receita das companhias seguradoras e dos dividendos annualmente distribuidos.

Como exemplo do indifferentismo e servidão d'aquelles que nas occasiões de sinistro são os mais directamente beneficiados, diremos; que quando a machina dos bombeiros voluntarios se dirigia para Villa Nova, voltou-se esta no largo de S. Domingos, ficando a caldeira, picota, camara d'ar e rodas, muito damnificadas, subindo o prejuizo a quantia superior a dez libras. E quem soffreu com estes prejuizos? Os protegidos? Não; porque nem a camara de Gaya, nem a companhia seguradora, nem os proprietarios da fabrica se cotisarão para satisfazer o prejuizo, pelo menos nunca até hoje o fizeram. São sempre os protectores os sacrificados, e não é justo que as companhias de incendio d'esta cidade, que nenhum subsidio recebem d'aquella municipa-

## Revista Quinzenal

O acontecimento principal da semana é a representação da *Aida*, em o nosso theatro lyrico.

Lá fóra, nas grandes capitães do mundo civilizado, a opera de Giuseppe Verdi obteve um dos maiores triumphos de que ha memoria nos fastos da musica moderna. Perante a obra do illustre maestro emmudeceram os seus mais encarniçados inimigos, e se alguns ainda houve que se aventuraram a guerreal-o, as palavras de despeito e de pronunciado odio certificavam a impotencia d'esses criticos em face d'uma producção tam alevantada.

Verdi, como escriptor de musica, é um dos mais fecundos; o seu nome é conhecido em toda a parte onde se adora o Bello; o seu talento tem sido, é, e será sempre profundamente venerado.

Nas diversas escolas musicaes encontrou Verdi inimigos declarados; elle, porém, despresou-os, estudou, e apartando-se das vulgaridades que lhe ladravam aos calcandares, como que organisou uma escola nova de que elle é ao mesmo tempo mestre e discipulo.

Accusaram Verdi de não saber fazer musica, isto é, de procurar apenas para as suas partituras uns trechos maviosos e faceis, que o ouvido gratamente recebe.

Era esta uma das grandes accusações dos criticos de Verdi, que se esqueciam de que elle não cultivava a escola allemã, e que seguia de preferencia os processos italianos que mais cuidadosamente estudara.

Verdi, na superioridade do seu talento robusto, riu-se das sandices dos seus criticos, e esperou occasião de lhes dar um desmentido completo.

— Em 1870, Smail-Pachá, o opulento e illustrado khedive do Egypto mandou construir no Cairo um sumptuoso theatro, e escolheu Giuseppe Verdi para escrever uma opera para o inaugurar.

Verdi accitou o encargo; procurou o libretista mais afamado e pediu-lhe o poema. Escolheram para assumpto da opera um dos episodios guerreiros do Egypto no tempo dos Pharaós.

Grandes difficuldades procurava o illustre maestro com o unico intuito de fazer sobressahir os seus vastissimos recursos e affirmar eloquentemente a altissima importancia dos seus processos.

Ghislanzoni, o libretista, compoz um libretto abundante de scenas espectaculosas, que convidavam esse maestro de pulso a escrever uma musica excepcional.

Verdi escreveu-a, e ella ahí está, sujeita ás apreciações dos criticos de sciencia e consciencia.

Não fazemos uma apreciação da grandiosa partitura; faltam-nos forças para trabalho tam difficil. No entanto diremos que a *Aida* é uma das maiores affirmações do robusto talento de Verdi.

N'aquella musica, tam bem trabalhada, ha o cunho

lidade, cujo serviço de incendios é insufficiente, vão allí deteriorar o seu material sem recompensa alguma.

Antigamente, que o serviço de incendios no Porto podia equiparar-se ao actual de Villa Nova de Gaya, ambas as municipalidades eram compensadas, porque se soccorriam mutuamente em igualdade de circumstancias, mas hoje que o serviço de incendios no Porto melhorou consideravelmente, é preciso para que o mesmo contracto subsista que em Villa Nova de Gaya se faça outro tanto, ou que remunerem a companhia d'aqui, quando careça dos seus serviços.

Conhecemos a aptidão e intelligencia do digno commandante d'aquella companhia e ninguem melhor do que elle para a reorganisar, amestrar e disciplinar; ninguem melhor do que elle para exigir da camara toda a sua attenção para este momentoso assumpto e confiamos que assim o fará.

Tem aquelle chefe apenas um defeito e desculpe-nos a franqueza—é extremamente condescendente e benevolo, e se o não fosse, não teríamos a notar a confusão e balburdia que presenciamos no incendio a que nos referimos.

Naquellas occasiões não se pode ser condescendente e benevolo em detrimento do serviço e em prejuizo das corporações officaes e portanto não deveria ter consentido que as bombas particulares continuassem a trabalhar depois da chegada do material d'esta cidade, mormente quando o serviço que essas bombas prestaram, longe de ser util, foi altamente prejudicial, não só para a propriedade, como para aquelles que se empenharam na faina.

Isto não são censuras, são advertencias a que nos dá direito a indole do nosso periodico.

Esperamos que ellas não sejam levadas a mal,

especial d'uma grandiosidade que nos espanta; a espagos por ente os trechos notaveis que se destacam em todos os actos, sobresaem aquelles cantares religiosos que nos transportam ás epochas da grande civilisação egypcia, com os seus templos, os seus deuses, os seus sacerdotes, os seus sacrificios.

Verdi estudou a historia religiosa do Egypto; compenetrou-se da suavidade d'aquelles canticos sagrados, inspirados aos sacerdotes pagão pelas primitivas tradições orientaes; comprehendeu perfeitamente a vida historica d'aquelle povo, que se assignala nos fastos da humanidade pela sua grandiosa civilisação.

A marcha das tropas no 2.º acto, evoca aquelle espirito guerreiro dos egypcios, ao regressarem victoriosos dos campos da batalha; arrebatada, aquella instrumentação vigorosissima, possante, onde Verdi provou aos criticos que tambem conhece de perto os processos allemães, que póde ser Meyerbeer e defrontar com a *Africana*.

É espantoso aquelle 2.º acto. Passa-se a acção em Thebas. Vê-se o templo, o throno do monarcha, os arcos triumphaes. O povo aguarda a chegada dos vencedores, n'aquella grande inquietação de quem deseja celebrar um acontecimento excepcional.

Chega o rei, acompanhado dos ministros, sacerdotes, grandes capitães, etc., seguindo-se Amneris, a filha do rei, Aida e as escravas.

Ouve-se o cantico sagrado que o povo entoava agradecendo aos deuses o triumpho das tropas egypcias. Estas apparecem depois, precedidas das fanfarras, e

mormente tendendo ellas, como tendem a pugnar pelo credito e reputação da companhia de Gaya, que poderão ser altamente aggravados, se lhe attribuirem a confusão a vozeria e muitas irregularidades que presenciamos e que partiram dos que eram bombeiros d'occasião.

## Os bombeiros no tricentenário

Tomam parte no grande prestito civico e triumphal do dia 10 de Junho em homenagem ao grande epico Luiz de Camões, os Bombeiros Voluntarios de Belem.

\* \* \*

Os Bombeiros Voluntarios de Lisboa, farão igualmente parte do prestito.

Preparam tambem uma brilhante illuminação no largo do Quartel onde tem estabelecida a sua estação.

\* \* \*

Os Bombeiros Voluntarios da Guarda, tomarão parte nos festejos com que aquella cidade celebra o grande acontecimento. Estreiarão os seus uniformes e o armamento que lhe foi cedido pela Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade.

\* \* \*

desfilam deante do monarcha. Aparecem tambem os carros de campanha, as bandeiras, os estandartes, os vasos sagrados, as imagens dos deuses, o boi Isis, as bailladeiras conduzindo os despojos dos vencidos, etc.

Novos hymnos se entoam, celebrando-se a gloria do Egypto; os prisioneiros, restituídos á liberdade, saudam o seu regresso á patria, e o povo e os sacerdotes acompanham os jubilosos cantares offerecidos aos deuses.

É imponente, magestoso! Tem umas aproximações de Wagner!

Os côros religiosos são d'uma poesia verdadeiramente oriental: os hymnos de triumpho reproduzem bem o entusiasmo d'aquelles povos heroicos.

É n'este acto que o talento musical de Verdi se manifesta opulentamente, n'aquella concepção arrojada que tam bem traduz o entusiasmo com que outr'ora os egypcios saudavam a gloria da sua patria.

Todos os outros actos são simplesmente magestosos.

Agora é justo que se especialise a empresa, pelos bons desejos que teve de mimosear a plateia portunense com as bellezas d'aquella partitura adoravel.

A peça está posta em scena com acieo, com esplendor.

Bem sabemos que a *Aida* que ahi se vê, e de que fallamos, está longe de ser o que ella realmente é. A culpa, porém, é só do nosso theatro, de mais ninguem.

À empresa, pois, os nossos emoras.

As que nos consta os Bombeiros Voluntarios d'esta cidade illuminarão a fachada do edificio da sua associação tocando no elegante coreto que se vê levantado no pateo, a sua banda marcial.

## Bombeiros Voluntarios do Porto

Sob a presidencia do sr. Joaquim José de Sousa Magalhães, servindo de secretarios os srs. José da França Oliveira Pacheco e Lourenço de Magalhães, reuniram-se em assembléa geral no dia 22 do passado os socios activos da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

O motivo da reunião era a votação do requerimento de dous socios protectores que em conformidade do estatuto queriam passar á classe dos activos, tendo a sua pertensão de ser admittida pela assembléa dos socios activos e por maioria absoluta de dous terços dos socios presentes, votação que apenas obteve um dos candidatos, o sr. Alberto Augusto Aranha.

## Novo fardamento

Reuniu ha dias no seu quartel a companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, a fim de ser tomada a medida ás praças para os novos fardamentos de que vae usar, e que foram ultimamente approvados pela camara d'aquella villa.

Estes fardamentos destacam-se bastante dos que

estão actualmente em uso na companhia do Porto, especialmente o dos soldados, que será muito parecido com o das praças da marinha de guerra, usando para o serviço dos incendios de chapéu forte de aba redonda e elevada, envernizado a preto, e para revista ou outras formaturas, bonets com pála, também modelados pelos da marinha. Para inverno a calça é de panno azul, e para verão calça de brim branco. Todas as praças usarão de machado á cinta, preso a um cinto de couro envernizado a preto.

O fardamento das praças graduadas, isto é, cabos e sargentos, consta de calça de panno azul, casaco largo da mesma côr, com gola larga azul claro, e canhões d'esta mesma côr. Para o serviço dos incendios usam de capacete e cinto de couro envernizados a preto, e para revistas e outras formaturas, usam de bonet de pala do feitio dos bonets da marinha allemã e cinto de lã azul e branco.

## O 5.º anniversario da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto

Devem ser esplendurosos, magnificos, imponentes e significativos, os festejos com os quaes esta benemerita corporação tenciona commemorar o 5.º anniversario da sua instalação.

Segundo nos informam as festas prolongar-se-hão durante cinco dias, e serão convidados a abrilhantar-as com a sua presença todas as associações de soccor-

A execução d'este notavel *spartito* foi confiada ás sr.<sup>as</sup> Pantaleoni e Biancolini, e aos srs. Celada, Pogliani e Sbordoni.

A sr.<sup>a</sup> Pantaleoni, que na *Africana* se revelára uma artista superior, confirmou na *Aida* os seus creditos. Cantou muito bem, e representou perfeitamente, dando assim uma interpretação exacta á sua difficilissima parte.

A execução d'ella impõe graves responsabilidades; a artista que d'ella fôr encarregada carece de bem cantar e de bem representar; do contrario, não brilha, morre.

A sr.<sup>a</sup> Pantaleoni foi felicissima, e bem mereceu os applausos com que a plateia fez justiça ao seu elevado merito.

No *duo* do 2.º acto, *amore! amore!* patenteou, como cantora e actriz, os seus muitos meritos. A *romanza*, *oh, cieli azuri* disse-a com primorosa correção, com um doce accento de suavidade, que encantava. Muito bem.

Disseram-nos que foi a primeira vez que a sr.<sup>a</sup> Pantaleoni cantou a *Aida*; se assim é, a revelação é eloquentissima.

Que a estudiosa artista continue, que recursos lhe sobram para conquistar um logar d'honra nas altas espheras da arte.

Biancolini surprehendeu-nos; ouvimos-a na *Cenerentola*, e classificamos-a logo uma das primeiras contraltos; a *Aida*, veio robustecer esta nossa opinião.

Em toda a opera é admiravel, cantando e repre-

sentando; a sua presença, muito sympathica, realça-lhe os seus adoraveis dotes d'artista. O *duo* do 2.º acto cremos que não poderá ser melhor cantado.

Bravo, Biancolini!

O tenor Celada, que no *Trovador* incorrera no desagrado de parte da platea, conseguiu levantar-se bastante na execução da parte que na *Aida* lhe pertence. Cantou muito regularmente a *romanza* do 1.º acto, e no *duo* do 3.º acto, com a dama, tirou algumas notas agudas realmente soberbas.

Ao que parece este cantor não tem notas medias; as graves prejudicam-o bastante, mas as agudas são excellentes, fortes, bem timbradas.

O baritono Pogliani é bom cantor, mas é mau actor. Se reunisse estas duas qualidades era um artista de primeira ordem.

A sua parte cantou-a bem, mas representou-a mal; porque, se lhe d'esse uma feição dramatica bem accentuada, arrancaria fervorosos applausos á plateia.

A entrada do 2.º acto, e o *duo* do 3.º com a sr.<sup>a</sup> Pantaleoni provocariam calorosas palmas se este artista attendesse com mais escrupulo á parte dramatica.

Não pôde, talvez: é uma questão de temperamento.

Sbordoni, muito bem. Gostamos muito de o ouvir, e cremos que a plateia ficou satisfeita com elle. É um artista muito apreciavel.

Os côros, por vezes, bons; de quando em quando esquecem-se, e... escorregam!

ros da cidade, corporações de bombeiros voluntarios do paiz, bem como os municipaes de Lisboa, Porto e Villa Nova de Gaya, auctoridades e pessoas gradas d'aqui.

No primeiro dia, isto é, 25 d'agosto proximo haverá sessão solemne na casa da associação, para cujo fim se vão adornar, mobilar e pintar todos os salões, a expensas de alguns dignos associados e com o auxilio da subscripção particular que se promove.

Por essa occasião tambem será distribuido um bodo aos pobres por meio de subscripção, cabendo a cada subscriptor tantos bilhetes, quantas forem as moedas de 500 que subscreever.

À noite musica e illuminação no pateo fronteiro á estação da bomba, ao Paraizo.

No seguinte dia, jantar offerecido a expensas de alguns associados aos bombeiros das outras corporações que se fizerem representar.

No terceiro dia, espectáculo por amadores, socios da mesma associação, devendo o producto reverter a favor do cofre.

No quarto dia, abertura solemne do bazar de prendas no Palacio de Chrystal, cujo producto tambem reverterá a favor da associação.

No quinto dia, (domingo) continuação do bazar e exercicio de manobras de bomba, carro e escada por toda a corporação de socios activos e auxiliares.

A festa d'este anno é mais pomposa e imponente do que nos annos anteriores, porque segundo ordena o regulamento, deverão ser entregues no dia 25, na occasião da sessão solemne, diplomas áquelles que completam cinco annos de serviço sem má nota e sem faltas.

Em conclusão não podemos deixar de louvar a digna associação dos bombeiros voluntarios, pois que,

Kuon, o intelligente maestro director da orchestra, ensaiou a opera perfeitamente; se Verdi visse em scena a sua opera, entre nós, não desdenharia abraçar este talentoso artista.

A plateia saudou-o com uma prolongada salva de palmas.

*Mise-en-scene* do sr. Paccini—explendido; guarda roupa muito proprio e aceiado scenario,—d'um grande vigor historico e perfeitamente acabado.

Ahi estão, escriptas ao correr da pena, as nossas impressões a respeito do trabalho de Verdi, incontestavelmente o monumento mais completo erigido em honra da arte musical.

N'este theatro—de S. João—ensaia-se a opera *Dinorah*, que brevemente será cantada.

Segundo nos consta, a companhia cantará, no Palacio de Cristal, por occasião das festas commemorativas do tricentenario, a opera de Gounod, *Fausto*, em substituição do drama *Camões*, que não pôde ser representado em consequencia da doença que subitamente atacou o distincto actor Soller.

Parece que a companhia conta demorar-se n'esta cidade até aos fins do mez corrente.

Oxalá assim aconteça.

nem sequer no meio das suas alegrias e das suas festas se esquece da pobreza a quem constantemente soccorre.

Briosa mocidade, o «Bombeiro Portuguez» o orgão mais humilde da imprensa portuense, felicita-vos e envia-vos um aperto de mão.

## Bazar de Caridade

Nos dias 6, 7 e 8 do mez proximo, na tabaria dos srs. Pereira Vianna & C.<sup>a</sup>, á praça de D. Pedro, estabelecer-se-ha um bazar de prendas, revertendo o producto em favor da pobreza envergonhada e dos presos das cadeias da Relação.

Este bazar é promovido para commemorar o tricentenario de Camões.

Não junctaremos á noticia os adjectivos encomiasticos do costume. Não sabemos de melhor commemoção, mais digna e mais completa do que se manifesta em bem fazer.

Bem digamos por isso os que tão feliz lembrança tiveram.

## Portugal a Camões

A acreditadissima empreza do *Jornal de Viagens* tomou tambem a seu cargo a brilhante tarefa de commemorar solememente, á grande luz da civilisação

Em beneficio do actor Julio Soller representou-se no theatro Principe Real o drama sacro *A prophacia ou a queda de Jerusalem*.

A peça desagradou, e não foi sem motivo que isto succedeu.

O auctor do drama baseiou a acção na historia da egreja primitiva; Cleto, perfeito de Roma, enamorou-se d'uma creança, filha d'um dos pontifices do templo de Jerusalem. Distanciados pela creança, um adorando o Christo, a outra ajoelhando ante os deuses do paganismo, entre o amor que se professavam existia uma insuperavel barreira.

D'aqui, os episodios que naturalmente se succedem em casos taes: por ultimo Jerusalem arraza-se, em cumprimento das prophacias, e Cleto, tendo convencido a sua amada a seguir a doutrina de Jesus, casa com ella!

A peça cahiu, apezar de ser posta em scena com muito apparato.

Porto—1880.

*Nihil.*

litteraria, o tricentenario do sublime cantor da epopeia nacional.

Na grande communhão dos espiritos cultos, é esta a mais pura oblação.

O *Portugal a Camões* é o grande preito, que á memoria do espirito immortal do nosso epico rende o espirito litterario da peninsula.

Por isso que é um feito exclusivamente peninsular e porque preenche a immensa lacuna de tres seculos de ingrato esquecimento, compete-lhe o primeiro lugar no festival convivio da grande commemoração historica. E occupal-o-ha dignamente, podemos affirmal-o.

A parte litteraria, redigida pelos principaes jornalistas, poetas e litteratos dos dois reinos fórma uma preciosa collecção d'artigos inspirados pela magnitude do assumpto e dignos do fim a que visam.

A parte artistica das gravuras confiada aos principaes desenhistas e gravadores de Paris, sobresaes esplendidamente e dá-nos um grupo faiscante de genio, o assumpto das mais palpitantes estrophes do poema epico. A gravura de dupla pagina; *A apparição do gigante Adamastor* é rica de concepção e arte e as que se intercalam no texto: *Venus applacando a tempestade*, *O velho da praia do Rastello*, *A Ilha de Venus*, resallam do gravado, parecem animadas, como quadros vivos dos *Lusiadas*.

Mas a que indubitavelmente leva a palma a todas é a gravura da primeira pagina, o retrato do grande commemorado. O desenho foi talentosamente concebido. Vê-se o poeta em meio corpo, sem os louros convencionaes, e sem as mutilações obrigatorias de quantos retratos e bustos conhecemos. Veste um gibão de cõrte e pelo rosto sereno e pensador e pelos olhos em que se lhes estrellia a scentelha genial a par da melancholia d'um azul immaculado, deve suppor-se que o retrato representa o poeta na sua idade d'oiro, quando apparecido na cõrte se sentiu deslumbrado pelo amor d'aquella formosa Natercia, que foi a *alma gentil* da sua alma de poeta.

Accresce a todos estes primores que a parte typographica é artistica como toda a que são dos prêlos da acreditada imprensa do *Jornal de Viagens*.

É um grande commettimento litterario este, até pela edição que é a maior que até hoje se tem feito em trabalhos portuguezes.

O *Portugal a Camões* ligar-se-he á memoria do grande dia da festa nacional, como á augusta fronte de principe dos poetas portuguezes se ligam os loiros verdejantes sempre da sua dupla aureola de sublime cantor e heroico soldado das quinas.

## Bibliographia Camoneana

Recebemos as duas seguintes publicações destinadas a commemorar o tricentenario do nosso Luiz de Camões.

Com a epigrapha acima abre o *Bombeiro Portuguez*, uma secção especial, destinada a mencionar todas as manifestações consagradas á memoria do grande epico.

As duas publicações que recebemos são:

*A Camões*, poesia por Alexandre da Conceição, e *Camões, marinheiro*, estudo por Almeida Eça.

Sem podermos dispôr de grande espaço par a de-

tidamente nos occuparmos d'estes dois livrinhos, diremos por agora, que da rapida leitura que d'elles fizemos, ficamos agradavelmente impressionados.

A poesia de Alexandre da Conceição é magestosa, escripta n'uns formosissimos alexandrinos, correctamente limados.

O estudo do sr. Eça, sobre ser curioso, é de grande alcance perante a historia.

No proximo numero daremos a noticia critica que estas duas publicações requerem.

## A escada de salvação

Na impossibilidade de podermos dar hoje em gravura a escada mechanica de salvação, pertencente á corporação dos Bombeiros Voluntarios do Porto, entendemos dever adiar tambem a continuação da publicação dos artigos que encetamos a este respeito e com este titulo.

## Incendios no Porto de 15 a 31 de maio

20 de Maio—Ao meio dia. Largo da Batalha n.º 122. Propriedade de Arnaldo de Navarro, onde reside Joaquim Teixeira Soares, que ahi tem estabelecido o *Hotel Portuense*. O fogo declarou-se na fuligem da chaminé, trabalhando para o extinguir a bomba n.º 3 que primeiro compareceu, seguindo-se-lhe o carro e bomba dos Bombeiros Voluntarios. O predio estava seguro na *Garantia* e os prejuizos calculam-se em cerca de 20\$000 reis.

20 de Maio—Á uma hora da tarde. Cadeas da Relação. O incendio manifestou-se na fuligem da chaminé da casa de trabalho dos encarcerados sendo extinto pelos empregados. Foram tomadas as indispensaveis precauções policiaes pelas auctoridades que de prompto compareceram.

Estiveram presentes os srs. governador civil, ajudante do procurador regio, secretario, administrador do bairro occidental, commissario de policia, ajudante do general, commandante da guarda municipal, guarda-mór do tribunal do relação e respectivos empregados.

A primeira bomba que compareceu foi a n.º 3: em segundo logar chegaram os voluntarios com a sua bomba e carro de material.

21 de Maio—Ás 11 horas da noite. Praça de D. Pedron.º 57 e 60. Tabacaria de Santa Apolonia, de Gonçalo Maria Alves. A promptidão do socorro contribuiu para que os prejuizos não fossem consideraveis. A primeira bomba á chegar foi a n.º 1, e a segunda a dos Bombeiros Voluntarios com o seu carro de material. O estabelecimento tinha seguro.

24 de Maio—Ás 8 horas da noite. Rua do Montebello n.º 269. Propriedade de Antonio Pereira de Oliveira Barros, occupada por Manoel Antonio. O incendio manifestou-se n'uma porção de palha que estava no quintal e a que um foguete queimado por um imprevidente pyrotechnico chegara fogo, o que lhe valeu ser entregue á policia. Os prejuizos foram insignifican-

tes, sendo o incendio extinc'o pela gente do sitio. As torres não deram signal apesar do que compareceram em primeiro logar a bomba n.º 7 e a n.º 6, o carro n.º 4 e a bomba e carro dos Bombeiros Voluntarios.

26 de Maio—À uma hora da tarde. Fabrica Anrificia. Rua dos Bragas. O incendio que se declarou na chaminé foi extinc'o pelos operarios da fabrica que trabalharam com a sua bomba, sendo a primeira que compareceu ao signal das torres a dos voluntarios com o seu carro de material.

27 de Maio—As 5 horas da manhã. Pogo das Patas. Fabrica de tecidos dos srs. Bahia & Genro. O incendio que causou prejuizos em cerca de 50,5000 reis foi debellado pelos operarios perficuamente auxiliados pelo policia civil n.º 100.

As torres não deram signal não comparecendo por isso os soccorros publicos.

29 de Maio—As 11 horas e meia da noite. Rua do Bomjardim n.º 842. Principio de incendio na casa de habitação de Joaquim Neves, e que foi dominado pela policia municipal e pelos vizinhos. As torres não chamaram os soccorros.

30 de Maio—As 10 horas e meia da manhã. Logar das Devezas em Villa Nova de Gaya. Fabrica de louça de Antonio d'Almeida Costa & C.ª. O fogo parece ter-se originado d'algum brasido que se escapasse da porta do forno mal cerrada cahindo sobre a lenha que estava proxima. Foram em parte destruidos dois barracões onde estava armazenada uma porção de obras de barro que se perdeu completamente, o que faz avultar consideravelmente os prejuizos.

O incendio foi combatido por duas bombas municipais de Villa Nova de Gaya, pela n.º 4 do municipio do Porto, por um carro de material d'aquelle municipio e pelo n.º 2 d'esta cidade, sem querermos fallar no auxilio prestado por duas bombas particulares cujo auxilio é em verdade efficaz e apreciavel nos primeiros momentos mas que se torna desnecessario senão inaproveitavel, quando o serviço está devidamente montado, porquanto se torna para o serviço de incendios organizado o que se torna para o exercito uma guerrilha.

Compareceu o carro e bomba dos bombeiros voluntarios, e o material e pessoal dos districtos n.º 1 e 13.

Quando a bomba dos voluntarios acudia ao sinistro prendeu-se-lhe uma das rodas nos paralelepipedos do largo de S. Domingos o que a fez voltar causando-lhe uma sensivel deterioração. Os bombeiros que guardavam o break nada soffreram e as promptas providencias tomadas por elles poseram em marcha de prompto o vehiculo que não se fez esperar no local do sinistro. Segundo nos consta tambem uma bomba municipal soffreu identico accidente.

## Outra celebridade canina

Outro cão de reconhecido merecimento foi um chamado «Bob».

Pertencia à antiga estação da brigada de bombeiros de Southwark e todas as vezes que a sineta d'alarme dava o signal mostrava-se inquieto e era sempre o primeiro a querer sahir.

Este nobre animal corria na frente da machina pa-

ra abrir caminho com os seus latidos, e no logar do sinistro ninguem era mais prompto na execução de qualquer ordem. Subia com muita destreza pelas escadas, entrava pelas janellas e percorria as salas onde o perigo era mais eminente, com mais coragem e ligeireza do que qualquer dos bombeiros!

Em um incendio na rua Duke e na occasião em que as chammas se desenvolviam com terrivel rapidez, ameaçando destruir todo o edificio, Bob entrou na casa incendiada e poucos instantes depois sahia trazendo na bôcca um pobre gato, o qual pousou cautelosamente em logar seguro!

Em outro incendio na estrada de Westminster, Bob compareceu como costumava. Os bombeiros julgavam ter salvado já todos os moradores, porém Bob parecia saber melhor e esgadhava e latia á porta de um pequeno quarto. Os bombeiros mandavam-n'o calar e que se retirasse; mas, comquanto Bob fosse muito obediente, continuava a latir cada vez mais como quem queria dizer, «venham depressa e abram esta porta». Como os bombeiros receiassem que o incendio tomasse maior incremento se abrissem aquella porta, não attendiam ao pedido do fiel animal, porém, como elle instasse cada vez mais, um dos bombeiros disse: «Bob deve ter alguma razão para continuar a latir tanto e o melhor será arrombarmos a porta». Arrombada a porta, qual não foi a admiração e alegria dos bombeiros ao encontrarem no quarto uma criancinha, que inevitavelmente teria perecido se não fosse a prespicacia e teimosia de Bob.

Era tal o seu instincto e comprehensão que dizendo-lhe o amo, «Bob, dê á bomba» o cão punha-se em pé e começava a fazer com as pernas da frente o mesmo movimento compassado e regular que o bombeiro emprega para tocar á bomba.

O pobre «Bob» foi por fim esmagado pelas rodas de uma bomba na estrada Caledonia, na occasião em que se dirigia para um incendio. Teve um desastrado e triste fim este nobre animal, mas em compensação a sua morte foi gloriosa porque terminou os seus dias no cumprimento dos seus deveres.

Este fiel animal tambem mereceu as honras de uma poesia commemorativa dos seus feitos, a qual lhe foi dedicada pela bem conhecida poetiza e oradora, Clara Lucas Balfoure que termina pouco mais ou menos por estas palavras «Possamos nós cumprir os nossos deveres, como os soube cumprir o pobre Bob».

## Incendios nas provincias

Em meados do mez passado declarou-se na freguezia da Relva, em Ponta Delgada, um incendio que causou algum prejuizo.

\*  
\* \*

No dia 21 do passado, pelas 5 horas da tarde, houve fogo na prisão grande da cadeia da villa de Almada. Ainda chegou a communicar-se á tarimba e a um colchão. Houve suspeita de que fôra posto o fogo pelos presos, julgando que se lhes abriam as portas para n'este acto tentarem evadir-se pelo meio da confusão.

A prisão é de abobada e fica por baixo dos paços do concelho.

## Incendios no estrangeiro

Houve ultimamente em Bordeus um pavoroso incendio n'um armazem em que eram arrecadadas grandes porções de alcool, rhum, absintho, etc., o que consideravelmente alimentou o incendio, que esteve preses a comunicar-se á casa da Eschola Communal, que lhe ficava proximo.

Durante doze horas não foi possivel dominar o incendio.

São consideraveis os prejuizos.

\*

\* \*

Na Pensylvania, Estados-Unidos, manifestou-se um incendio na cidade de Milton, que devorou 400 casas. Os prejuizos são calculados em nove mil contos. Tres mil pessoas ficaram sem domicilio.

\*

\* \*

A fabrica de fição e tecidos Morel, da rua Amalia, em Barcellona, foi incendiada no dia 21 do passado por 1:000 operarios. Acudiram logo as auctoridades, que conseguiram fazer extinguir o incendio e restabelecer a ordem. As machinas ficaram despeçadas.

\*

\* \*

Em Possen (França) um incendio destruiu ultimamente um armazem de quinquilharias na rua de la Grosse Horloge n.º 145.

Além das perdas materiaes ha a lamentar uma terrivel desgraça. Dois pobres rapazes morreram de asphyxia, um depois de uma agonia prolongada, e outro descobriu-se nos escombros, inteiramente carbonizado e separada uma perna do tronco.

\*

\* \*

Ardeu em Lyon, o theatro Célestine.

## Varias noticias

Ao funeral do honrado e bemquisto commerciante de Lisboa, Rosa Araujo, pae do presidente do municipio d'aquella cidade, assistiram tambem os bombeiros municipaes.

\*

\* \*

Fundou-se n'esta cidade uma empreza de limpeza de chaminés.

Oxalá que os proprietarios, para quem as determinações municipaes são letra morta, attentem no alcance da nova empreza, que a prosperar, como desejamos, vae poupar aos bombeiros bom numero de trabalho, porque é sabido quantas vezes são chamados para fogos de chaminés.

Se bem sabemos, uma lei municipal impõe uma coima ao proprietario ou inquilino, provado que a falta de limpeza da chaminé deu causa a um incendio. Ao que nos conste, tal disposição só foi posta em pratica uma vez.

Voltaremos a fallar sobre o assumpto.

## Incendio no mar

Pelas 10 horas e 30 minutos da noite de 9 do passado a umas 40 milhas ao oeste das ilhas Desertas (perto da Madeira), desenvolveu-se fogo no porão do patacho inglez «Sea Queen», da praça de Aberystwith, de 183 toneladas, capitão David Thomas. Ia de Antuerpia para Bolama e levava carga consignada ao governador geral da Guiné.

Foi rapido o progresso do fogo. A tripulação immediatamente abandonou o navio e salvou-se em um escaler com poucas provisões. Foi ter ás Desertas, no dia seguinte, pelas 3 horas da tarde.

Ali a encontrou um barco de pesca que tentou reboacar o escaler, mas não o conseguindo, tomou o capitão e 6 tripulantes, que chegaram ao Funchal no dia 11.

O capitão deu ao arraes do barco o escaler como recompensa do serviço prestado.

## Publicações recebidas

N.º 53 do primeiro anno e com que termina o 2.º volume do *Jornal de Viagens*, cujo summario é o seguinte:

TEXTO: Os dramas do mar: Os piratas arabes—Estudos geographicos: O Globo, oitenta narrações de geographia popular—Digressões e phantasias: A India—Aventuras de terra e mar: O Vulcão nos Gelos—Estudos geographicos: Populações da Africa—Pelas regiões longinquas: A fome na China.—CHRONICA: Os marmores japonezes—A attitude dos principaes lagos da Africa—Os mares do Japão.

ILLUSTRAÇÕES: Os dramas do mar: Os piratas arabes—A India: Maneira de viajar nas planicies de Penjabe; Durbar de Ramah, no Himalaya—Pelles Vermelhas em um acampamento nas planicies.

## O Republicano

Por todo este mez começará a sua publicação. Sahirá, por emquanto, só aos domingos.—Assigna-se na rua dos Caldeireiros n.º 211. A correspondencia, franca de porte, deve ser dirigida a Pedro d'Oliveira.